



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA EM LETRAS/LÍNGUA PORTUGUESA

MARCOS ANTONIO GONÇALVES DA SILVA

**TOPÔNIMOS EM JIRIPANCÓ: CONDIÇÕES E MOTIVAÇÕES PARA ESCOLHAS
DOS NOMES DE LUGARES EM OURICURI**

Delmiro Gouveia
2024

MARCOS ANTONIO GONÇALVES DA SILVA

**TOPÔNIMOS EM JIRIPANCÓ: CONDIÇÕES E MOTIVAÇÕES PARA ESCOLHAS
DOS NOMES DE LUGARES EM OURICURI**

Monografia submetida à Banca Examinadora do curso de Letras da UFAL-*Campus* do Sertão como requisito parcial para a integralização da Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Dra. Fábila Pereira da Silva.

Delmiro Gouveia
2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S586t Silva, Marcos Antônio Gonçalves da
Topônimos em Jiripancó: condições e motivações para escolhas
dos nomes de lugares em Ouricuri / Marcos Antônio Gonçalves da
Silva. – 2024.
56 f.

Orientação: Fábica Pereira da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal
de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2024.

1. Linguística. 2. Toponímia. 3. Onomástica. 4. Povo Jiripancó.
5. Aldeia Ouricuri. 6. Nomes próprios. I. Silva, Fábica Pereira
da, orient. II. Título.

CDU: 81'373.2

Folha de Aprovação

MARCOS ANTONIO GONÇALVES DA SILVA

TOPÔNIMOS EM JIRIPANCÓ: CONDIÇÕES E MOTIVAÇÕES PARA ESCOLHAS DOS NOMES DE LUGARES EM OURICURI

Monografia submetida à Banca Examinadora do curso de Letras da UFAL-Campus do Sertão como requisito parcial para a integralização da Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa.

Data: 18 / 11 /2024.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 **FABIA PEREIRA DA SILVA**
Data: 22/11/2024 13:59:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora: Prof. Dra. Fábiana Pereira da Silva
(Universidade Federal de Alagoas)

Documento assinado digitalmente
 **MARIA HELENA MENEZES DE SOUZA**
Data: 25/11/2024 19:03:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Avaliadora interna: Maria Helena Menezes
(Universidade Federal de Alagoas)

Documento assinado digitalmente
 **HEDER CLEBER DE CASTRO RANGEL**
Data: 24/11/2024 07:15:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Avaliador interno: Heder Cleber de Castro Rangel
(Universidade Federal de Alagoas)

A minha mãe, Maria Gonçalves Filha, minha vó, Maria Gonçalves, em memória de meus ancestrais, Antônio Gomes, José Martins e Maria Marina.

Dedico.

AGREDECIMENTOS

A meu povo Jiripancó, força motriz de minha existência, por ser o ponto de partida e de chegada de meu ser.

A força encantada sagrada do povo Jiripancó, pelo amor e a paz do Ouricuri.

A minha família, que me motivou a ser quem sou.

A Universidade Federal de Alagoas, pela acolhida e espaço de construção;

A professora Fábila Fulni-ô, pelos ensinamentos, carinho e paciência nesse trajeto.

Aos demais professores do Campus Sertão, nas pessoas de Cezar Neri, Ismar Inácio, Thiago Trindade, Márcio Ferreira e Marcos Moraes, pelo apoio, ensinamentos e respeito.

A Ana Flávia Monteiro, Alessandro Barboza, Marinêz Santos, Fernanda Alves, Genário Souza, Thays Lacerda, e demais amigos de turma, pelo incentivo e apoio no trajeto.

A meus professores da Educação Básica, que ajudaram a construir um sujeito ciente de seu espaço no mundo.

Tratar da temática indígena em Alagoas é recente, se considerarmos o tempo em que esses povos ficaram à margem da história e do trabalho de registro da historiografia do estado e da região Nordeste. Não passou de um aspecto curioso de “conhecer” os reais problemas dos povos e seus mundos e suas relações com esses mundos.

Cicero Pereira.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo descrever e analisar a procedência dos nomes próprios de lugares da aldeia Ouricuri do povo Jiripancó, considerando as motivações conscientes, ou não, para a escolha desses denominativos naquela localidade geográfica. Para tanto, essa investigação se baseia nos estudos de Dick (1990, 1986) e Seabra (2004) para compreender a Toponímia como subárea da Onomástica e as metodologias de pesquisa e análise procedentes, em diálogo com noções históricas, geográficas e sociais da comunidade indígena em questão. Sob esses estudos, o *corpus* conta com 11 topônimos encontrados em documentos acadêmicos públicos, analisados individualmente, com auxílio de entrevistas semiestruturadas direcionadas a indígenas da comunidade. A investigação organizou os dados coletados e analisados em um quadro descritivo, visando estabelecer relação entre os nomes próprios e suas devidas motivações. Como resultado, o percurso investigativo possibilitou conhecer a realidade toponímica do lugar e a relevância desses denominativos para o povo Jiripancó.

Palavras-chave: Onomástica; Toponímia; Povo Jiripancó; Ouricuri.

ABSTRACT

This research aims to describe and analyze the origin of place names in the Ouricuri village of the Jiripancó people, considering the conscious or unconscious motivations behind the choice of these designations in that geographical location. For this purpose, the investigation is based on the studies of Dick (1990, 1986) and Seabra (2004) to understand Toponymy as a subfield of Onomastics and the relevant research and analysis methodologies, in dialogue with historical, geographical, and social aspects of the indigenous community in question. Guided by these studies, the corpus includes 11 toponyms found in public academic documents, individually analyzed with the support of semi-structured interviews conducted with indigenous members of the community. The investigation organized and analyzed the collected data in a descriptive table, aiming to establish a relationship between the place names and their respective motivations. As a result, the investigative process provided insights into the toponymic reality of the location and the significance of these names for the Jiripancó people.

Keywords: Onomastics; Toponymy; Jiripancó People; Ouricuri.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. POVO JIRIPANCÓ E A ALDEIA OURICURI	13
2.1 Jiripancó: história, memória e ancestralidade	15
2.2 Nome Jiripancó.....	18
2.3 Povo Jiripancó e a Aldeia Ouricuri.....	19
3. ONOMÁSTICA E A IMPORTÂNCIA DA TOPONÍMIA PARA OS ESTUDOS DOS NOMES DE LUGARES	22
3.1 Onomástica e a Toponímia: estudo dos nomes próprios de lugares.....	23
3.2 Toponímia e a motivação toponímica.....	25
3.3 Estrutura e classificação dos Topônimos sob a ótica da motivação	26
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA TOPONÍMICA .	29
4.1 Coleta de dados e pesquisa de campo	31
5. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS TOPONÍMICOS	33
5.1 Motivação toponímica no Ouricuri	36
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
7. REFERÊNCIAS	43
APÊNDICES	45

1. INTRODUÇÃO

Notadamente, as palavras assumem espaço indispensável em todas as sociedades. Através delas é possível determinar, identificar e estabelecer uma vinculação entre o linguístico e o mundo. Para além disso, os nomes próprios assumem uma outra condição que supera a mera identificação, estabelecendo uma relação intrínseca entre os nomes, as coisas nomeadas e os povos nomeadores. É nesse sentido que as pesquisas onomásticas, especialmente a Toponímia, existem: num movimento de estudo interdisciplinar, com intuito de catalogar, analisar e descrever os topônimos, constituindo uma relação com o mundo e os grupos nomeadores.

Nessa direção, este trabalho surgiu com o objetivo de investigar, analisar e descrever a realidade toponímica na Aldeia Ouricuri, do povo Jiripancó, reconhecendo o grupo étnico enquanto específico e compreendendo parte dos topônimos vinculados ao cotidiano da etnia ligada ao processo histórico de existência e resistência do povo. Para isso, nos filiamos aos estudos Toponímicos, pois acreditamos que essa orientação possibilita a compreensão das nomeações para além da identificação e proporciona uma interpretação dos nomes de lugares naquela aldeia como inerentes à vida da/na etnia.

Assim, essa pesquisa é resultado dos estudos na disciplina Onomástica da Língua Portuguesa, na qual foi possível vislumbrar que os nomes próprios se diferenciam das palavras comuns, ou, como elenca Martins (1991), o nome próprio seria mais que um sinal, mais que um signo, mais que um mero identificador; seria um texto mais complexo. Tomar essa condição dos estudos onomásticos, especialmente os toponímicos, então, possibilita uma pesquisa que vincula os nomes próprios para além de sua realidade linguística; proporciona olhar para essas construções como repletas de 'condições nomeadoras' ou, de especificidades nessa/dessa nomeação.

Para chegar ao objetivo almejado, focamos, inicialmente, nos estudos de Dick (1987; 1990; 1980; 1975; 2007), Seabra (2004), Santos (2015), Ferreira (2009), Ramos e Bastos (2010), de modo a possibilitar o reconhecimento dos nomes próprios de lugares no Ouricuri em diálogo com a organização e existência do povo, sua história de formação e a relação com o cotidiano daquela comunidade.

Dessa forma, os estudos dos textos destacados fornecem uma base para compreender os topônimos em Ouricuri como uma construção motivada por aspectos

evidenciados no modelo taxonômico de Dick (1990). Do mesmo modo, essas leituras mobilizaram a pesquisa qualiquantitativa para reconhecer os topônimos naquela localidade atrelados às especificidades da etnia, no sentido de compreender - para além das motivações descritas pela Taxionomia - condições culturais e/ou tradicionais.

Os materiais estudados são complementados por entrevistas a indígenas pertencentes àquele povo, com intuito de perceber como veem os nomes próprios dados aos locais específicos da aldeia. A intenção é compreender como os nomes escolhidos estão presentes no cotidiano da localidade e como essas palavras se inserem no movimento de existência e resistência do povo. As entrevistas são semiestruturadas, de modo a possibilitar um diálogo mais espontâneo com os(as) entrevistados(as).

O *corpus* do trabalho é composto por 11 topônimos na aldeia Ouricuri do povo Jiripancó, dos quais 10 são catalogados a partir de documentos públicos. O outro topônimo está internamente vinculado ao espaço indígena, sendo passível de detecção através de relatos, de conversas com moradores locais e de investigação nos meios digitais (postagens em redes sociais, imagens e/ou vídeos). Nas sequências de análises serão disponibilizadas fotografias que comprovam a existência dos topônimos descritos. Todos os nomes de lugares escolhidos estarão organizados em uma tabela descritiva das motivações, com vistas ao modelo da taxionomia.

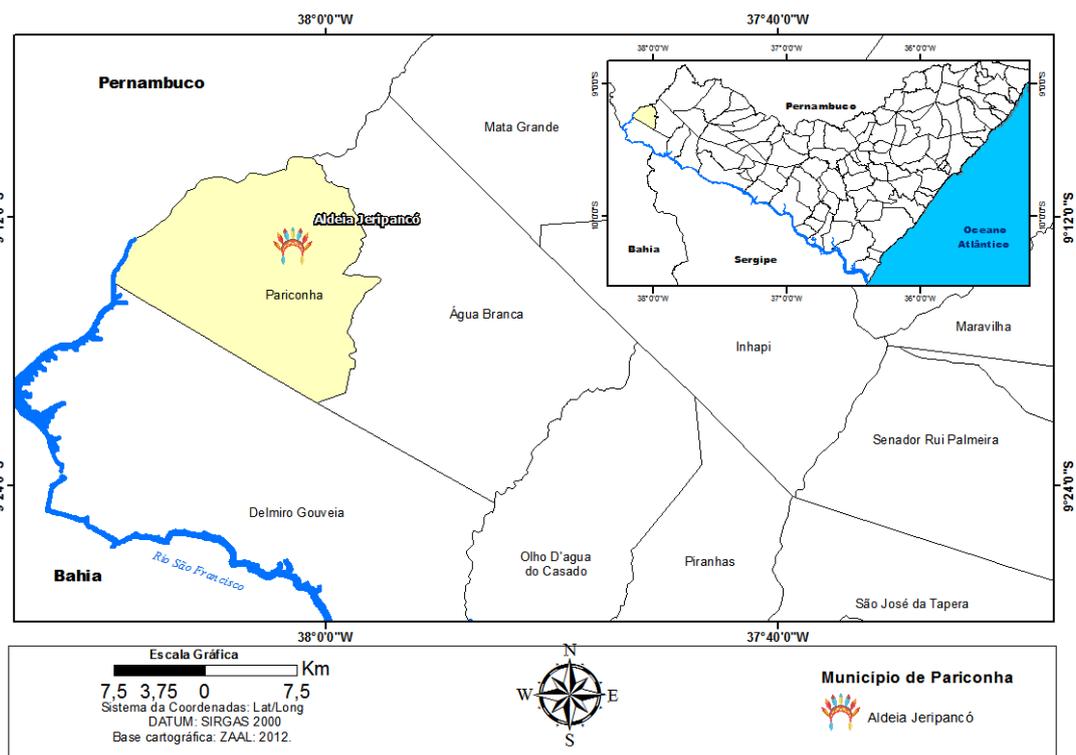
O texto está dividido em 4 seções norteadoras. Primeiro será colocado um panorama histórico, geográfico e social da comunidade investigada, com o intuito de conduzir a pesquisa numa direção de vinculação entre a etnia e os nomes destacados. Logo após, será feito um panorama dos estudos toponímicos, que servirão de base para essa pesquisa, em especial para reconhecer o campo enquanto interdisciplinar. Num outro tópico será apresentado a metodologia adotada, sob o modelo taxonômico, que discorrerá sobre a natureza dos nomes. Logo após, será posto as motivações culturais (ou históricas) das escolhas toponímicas naquela localidade, assim como uma discussão acerca da importância que esses nomes têm para a vida do povo.

2. POVO JIRIPANCÓ E A ALDEIA OURICURI

Jiripancó é uma etnia indígena que vive no município de Pariconha, formada por famílias Pakararú que fugiram da violência policial no século XIX. O território está localizado na Mesorregião do Sertão Alagoano, mais precisamente a cerca de 7 (sete) quilômetros do centro da cidade e a aproximadamente 370 km da capital Maceió. Se consolida, portanto, como um dos três povos indígenas que agregam ao município pariconhense, pois há também o povo Katokin e a etnia Karuazu, o que faz de Pariconha o município onde residem mais povos indígenas em todo estado de Alagoas.

A região em que está situado o território Jiripancó é conhecida pelo clima semiárido e, dessa forma, não se distingue das outras partes do sertão nordestino brasileiro, onde ocorrem consideráveis períodos de estiagem e mudanças de paisagem, devido à estação predominante. Assim, nos meses de abril, maio, junho, julho e agosto tem-se uma paisagem verde, além de ser a principal época de plantio na região, no restante da temporada, as chuvas são esporádicas e a paisagem fica seca, não havendo indicação para a agricultura. Na imagem abaixo é possível identificar a localização geográfica da aldeia:

Figura 1: Localização do povo Jiripancó



Fonte: Érica Lima, 2021.

Para as etnias indígenas, o território se constitui como extremamente importante para a sobrevivência das pessoas e para vida. É necessário reconhecer que as atividades agrícolas não são as únicas funções de um território; a terra é um elemento singular para vida de um povo. Para os Jiripancó não é diferente, como afirma Ferreira (2009):

A memória da história indígena está estritamente ligada à terra que assume um significado para os Jiripancó de um lugar [...] necessário à sua existência, pois, promove a vida e os conforta quando os recebe como seus filhos, de volta, após a morte. Na mata viveriam também os antepassados, os *encantados*, os *praiás*, os espíritos que os protegem, que os guiam no dia-a-dia, que os fortalecem quando entram em contato com o universo sagrado. Só com seu território é possível garantir as práticas culturais religiosas e a produção agrícola para a sobrevivência (Ferreira, 2009, p. 32).

A partir disso, concordamos com o autor ao destacar que “quando eles falam da terra como meio de “sustento”, ela não se resume ao meio de subsistência. A mãe terra faz parte da natureza que se relaciona com o humano, oferecendo-lhe alimento e vida” (Ferreira, 2009, p.21). Ou seja, a terra não é vista apenas como meio de sustento, pois vai além da mera questão econômica, ela é representada como um elemento de importância vital que sustenta a vida cultural e espiritual das comunidades.

Tendo isso em vista, o território Jiripancó tem uma extensão de 1.215 hectares, do qual apenas 215 está sob posse da etnia, os demais hectares estão sob processo de demarcação, conforme Lima (2021). São 7 (sete) aldeias que compõem o povo: Ouricuri, Araticum, Figueiredo, Tabuleiro, Serra do Engenho, Poço da Areia e Piancó. Das quais, Ouricuri é a aldeia centro do território; estando Figueiredo acerca de 1,5 km do centro; Tabuleiro a 1 km; Piancó a 6,5 km; Poço da areia a 11 km; Serra do Engenho a 4 km e Araticum a 2 km, (Santos, 2015).

Como pôde ser visto, os hectares disponíveis para o povo são insuficientes para as demandas nas aldeias, visto que são - segundo Lima (2021) e Santos (2015) - cerca de 340 famílias e aproximadamente 2.117 pessoas distribuídas nas comunidades. Essa configuração traz algumas problemáticas, como a seguir:

O aumento da população indígena e não indígena concentradas na mesma região trouxe um problema sério, desencadeado principalmente pelo uso desenfreado dos recursos naturais da região e da sua biodiversidade o que comprometeu seriamente a capacidade das famílias de retirar seu sustento de forma mais favorável às condições climáticas regionais. O desmatamento

é de longe o principal vilão da situação, com este, veio à morte de várias nascentes que antes eram referências para o cultivo e para a pastagem de animais. A falta de organização rotativa do homem branco contribuiu seriamente para esse desequilíbrio que respinga seriamente no modo de vida das pessoas (Santos, 2015, p. 41).

Obviamente, para os indígenas a terra significa muito, e as problemáticas sobre esse bem natural respinga na forma de vida nessas comunidades, que vivem sob condições hostis. Essa é a situação das etnias deste país, como é o caso de Jiripancó. Convém, portanto, direcionar esse trabalho à percepção de que os povos tradicionais, violentados no processo de invasão portuguesa, existem e resistem.

2.1 Jiripancó: história, memória e ancestralidade

Falar do povo Jiripancó enquanto indígena dessa etnia é reconhecer que emana da história e da natureza sagrada toda a força motriz que sustenta a organização, o território, a cultura e a vida desse povo. Ao longo do tempo, as discussões acadêmicas sobre os povos indígenas se resumiam em conhecer essas populações. Hoje, as produções, principalmente as de indígenas ingressos e egressos nos cursos superiores, avançam no sentido de construir saberes sobre a própria vida de nosso país.

Nesse sentido, a data 15 de novembro de 1894 marca o registro da terra hoje correspondente à área Jiripancó, (Santos 2015). Antes disso, Ouricuri não era Ouricuri, nem havia o nome Jiripancó, mas o povo já existia, porque a raiz do saber e da ancestralidade já vivia, desde Pankararú¹, quando o governo opressor pensou que poderia matar a vida, as memórias e as culturas nativas. Mas não pôde, pois a força ancestral é a força da vida, que não morre, mesmo com toda a violência.

O registro da terra marca o início documental do processo até Jiripancó, mas não corresponde a toda memória e história desta etnia. Os anos antecedentes a 1894

¹ Povo indígena que vive no sertão pernambucano e estabelece intrínseca relação com a etnia Jiripancó, pois, segundo Santos (2015) o povo Jiripancó formou-se a partir de famílias Pankararu que chegaram à região correspondente ao Município de Pariconha, Alto Sertão alagoano, no final do século XIX. Os primeiros índios foram José Antônio do Nascimento (Zé Carapina) e sua esposa, Izabel.

eram de superação, quando José Carapina² e Izabel, fugidos da violência policial em Pankararú, se fixaram nas redondezas do que hoje conhecemos por Ouricuri e iniciaram o povoamento dessa região. Esse movimento de vinda, até o momento de reconhecimento da etnia em 1982, sempre esteve ligado à prática ritualística ancestral, mesmo com a hostilidade destilada pelo governo da época, que fez os conhecedores dos saberes esconderem suas tradições.

Entretanto, é necessário pontuar que a vinda fugida do casal ancestral Jiripancó até a região, bem como o processo de povoamento, não ocorreram de modo fácil, nem essa retirada de Pankararú significou a resolução dos problemas enfrentados, tampouco tudo aconteceu rapidamente. Trata-se de um momento singular, quando os indígenas fugidos, em busca de paz, precisaram esconder seus hábitos e costumes ancestrais para preservá-los, num duro processo de ocultar os saberes ritualísticos em detrimento da crença colonizadora. Assim,

Sem o espaço físico de origem, o processo de desterritorialização do grupo Pankararú enfrentou um problema que está intimamente ligado ao livre culto de suas divindades; ainda em Pernambuco sofriam fortes pressões dos missionários e dos “poderosos” da região. Como Jiripancó a forma de manutenção dessa ligação ganha uma liberdade longe dessa opressão, porém não poderiam estar a livres totalmente. Os entendidos da tradição desenvolveram técnicas capazes de esconder-se no perigo da pressão policial (Santos, 2015, p. 43).

Diante disso, mesmo distante de Pankararú e de toda opressão vivenciada ali, José Carapina e Izabel, bem como seus descendentes e parentes, mantinham seus costumes ocultados, haja vista que também havia nos arredores de Alagoas um olhar colonizador que reprimia os saberes indígenas que não estavam de acordo com o cristianismo. Desse modo, é notório que não havia liberdade para ser indígena, nem de praticar os saberes tradicionais ancestrais. Ou seja, parte da raiz Jiripancó teve que ser e estar escondida na terra para manter viva a ancestralidade e esperança Jiripancó.

Esta dinâmica de ocultação ritualística forçada traz questões relevantes nesse estudo, pois elucidam elementos importantes do povo Jiripancó atualmente. Sobre esses aspectos sagrados da etnia, Peixoto (2018, p. 48) pontua que “O povo foi se tornando visível na região, ao passo em que foi configurando seus rituais em

² José Antônio do Nascimento (José Carapina) e Izabel Maria do Nascimento foram pioneiros na formação do povo Jiripancó.

consonância com alguns aspectos e práticas cristãs, notadamente católicas romanas, como as novenas, as procissões e, principalmente as penitências”. Isso evidencia a adaptação dos rituais religiosos como uma forma de resistência perante os desafios enfrentados ao longo dos anos. Santos (2015) reforça esse argumento ao elucidar que “Os cânticos ganharam falas em português, homenageando divindades católicas, a cruz foi colocada como símbolo nos rituais, para ter a liberdade de cultura”, (Santos, 2015, p. 43).

Ambos os pesquisadores trazem um fato em comum: o povo Jiripancó incorporou elementos cristãos à sua maneira de ser. É importante evidenciar, no entanto, que esse movimento de incorporação — hoje internalizado — fez parte da estratégia da ocultação ritualística, isto é, com intuito de manter viva a semente ancestral. Em outras palavras, e conforme Santos (2015), o povo trouxe elementos cristãos para si com objetivo de poder praticar seus hábitos e costumes sagrados para manter sua liberdade de práticas dos rituais.

Paralelamente à dificuldade de manter a ritualidade ancestral do povo Jiripancó, que precisou desenvolver estratégias para preservar os rituais ocultados, devido à opressão da colonização, havia o problema da terra, que não estava resolvido. Isto é, o direito renegado em Pankararú tinha indícios que se mantinha também em Alagoas. Basta observar o que aconteceu após a vinda de Izabel e José Carapina para Alagoas:

Carapina passou a trabalhar para um fazendeiro da região, no cultivo da terra e cuidando dos animais do fazendeiro. Como forma de pagamento, o fazendeiro lhe cedia abrigo e também um pequeno pedaço de terras para realizar o plantio para sua sobrevivência. Com isso, José Carapina se estabilizou, construindo uma casa de taipa. [...] Contudo, após alguns anos, o fazendeiro que lhe tinha concedido as terras para a subsistência do casal, resolveu tomá-las (Lima, 2021, p. 43).

Após migrar para o lado alagoano, o casal se estabeleceu nas proximidades da área que hoje corresponde à Ouricuri e passou a viver como trabalhadores de um fazendeiro conhecido como Major Marques, ao passo que mantinham as tradições às escondidas. Segundo relatos da comunidade, durante esse tempo em que os ancestrais Jiripancós trabalhavam para o fazendeiro, José Carapina e Izabel subsistiam através do plantio no pequeno terreno que tinham acesso.

Em vista da dificuldade, fez uma taperinha (casa de taipa) perto da fonte do ouricuri, onde a Izabel tinha plantado uma rocinha ao redor do rancho. Em uma ocasião, o fazendeiro que lhes havia dado guarida passou e viu a roça bem próspera e lhes pediu que colhessem o que fosse possível, pois ia colocar os animais no restante. Contam alguns índios que um amigo do fazendeiro achou por bem consultar o Barão de Água Branca sobre o assunto. Na verdade, queriam que o Barão os amparasse na expulsão definitiva do Carapina, ao invés disso, o Barão ao tomar conhecimento, se opôs a conduta do fazendeiro e preferiu completar a quantia que José Carapina conseguiu com a venda de seus animais e da partilha de seu trabalho. (Santos, 2015, p. 14)

A partir do que foi exposto por Santos (2015), fica claro que a tentativa de retomada e expulsão de Izabel e Zé Carapina³ do terreno era um abuso, visto que o casal habitou a área sob condição de destinar sua mão de obra para progresso do proprietário. Essa ação do Fazendeiro é um exemplo claro das dificuldades enfrentadas pelos antepassados Jiripancó, e como o processo de formação da etnia é atravessado por resistências. Dessa forma, o registro de 1894 que marca a “posse” documental da área indígena, adquirido pelo casal ancestral, significa o momento em que foi dado corpo material à etnia Jiripancó.

Após a compra e registro da terra, foi necessário ocupar o território. Sendo assim, vieram os parentes do casal para se juntar e povoar o espaço. Desse modo, foi dado o primeiro ato coletivo para a formação do povo, ao passo que as famílias vindas de Pankararú - Chico Peba e sua esposa, Vicente Gabão, Cristove Véio e a família Caipira - e descendentes se juntaram aos descendentes diretos de Izabel e Zé Carapina - Gomes, Quintino, Alexandre e Miranda - (Santos, 2015) para formar Jiripancó.

2.2 Nome Jiripancó

Até os anos antecedentes ao reconhecimento étnico (1982) não havia uma nomenclatura própria para se referir à Jiripancó. De acordo com Santos (2015), o que se tinha era a denominação ‘Pankararú Desterrados’, visto que não existia um nome próprio para os moradores do Ouricuri e tratava-se de um grupo com raízes Pankararú.

³ Essa é uma maneira afetiva e carinhosa que os indígenas Jiripancó tratam seu antepassado.

Em estudo recente, Santos (2015) apresenta um panorama histórico sobre a formação da etnia Jiripancó. Durante o trabalho é apresentada a origem do nome do povo e a carga histórica e sagrada que o etnônimo carrega, ao passo que evidencia a trajetória de resistência dos povos indígenas do sertão. No caso de Jiripancó há a necessidade de vincular a denominação à formação de Pankararú pela junção forçada de etnias livres e o processo de expulsão de famílias da etnia pernambucana durante a opressão policial, bem como a vinda dessas famílias para Alagoas.

O nome Jiripancó, segundo o estudo de Santos (2015) e relatos de pessoas do povo, tem origem do etnônimo Jiritacó, que era uma etnia anterior à Pankararu, sendo, inclusive, parte da raiz desse último povo. As etnias Pancaru, Jiritacó, Calancó, Umã, Canabrava e Tatuxí de Fulô foram unificadas e deram origem a Pankararú (Arruti, 1996, *apud* Santos, 2015). Trata-se de uma unificação forçada, em que esses povos foram violentados e tiveram que abandonar parte de seus hábitos, tradições e línguas.

Na luta por reconhecimento, as lideranças Jiripancó precisavam tornar público a existência de uma denominação para o povo, para o estabelecimento de uma nação autônoma, mas com laços históricos e sagrados indissolúveis. Nesse sentido, o nome escolhido foi Jiripancó, por haver uma relação com o etnônimo Jiritacó e com a raiz ancestral dos povos indígenas livres do sertão. A escolha, então, vinculou a história e o sagrado das etnias anteriores à invasão e colonização portuguesa, que originou a criação de Pankararú.

O etnônimo do povo tem diferentes grafias, todas aceitas e reconhecidas como legítimas pela etnia. Assim, ‘Jiripancó’, ‘Jiripankó’, ‘Jeripancó’, ‘Jeripankó’, ‘Geripankó’, ‘Geripancó’ são formas do mesmo nome e denominam um povo resistente às violências sofridas durante séculos, que carrega na natureza sagrada a força motriz de sua existência.

2.3 Povo Jiripancó e a Aldeia Ouricuri

Reconhecido como povo indígena em 1982 e seu território identificado em 1992, Jiripancó tem uma área tradicional de 1.215 hectares, conforme Lima (2021), desses, apenas 215 está sob cuidados da etnia (Santos), de modo que “Ouricuri, Figueiredo e Piancó encontram-se no território identificado em 1992” (Peixoto, 2018, p. 48).

A partir disso, Ouricuri não só está dentro do território diminuído, como também é tida como a aldeia central do povo. Essa noção é compreendida na história, quando José Carapina e Izabel se fixaram nos arredores da comunidade e iniciaram o processo de povoamento no local. Do mesmo modo, foi nessa parte do território que a maioria das famílias vindas de Pankararú e a maioria dos descendentes diretos do casal ancestral Jiripancó se firmaram. Essa percepção é reforçada pelo fato de que a maior parte das 340 famílias reside aqui.

O nome da aldeia, segundo os saberes orais do povo, foi dado à comunidade porque aos arredores do território há uma fonte chamada 'Fonte do Ouricuri', (Peixoto 2018), que, por sua vez, recebe esse nome devido à presença de *Ouricurizeiros* (planta comum na região, conhecida por frutos do mesmo nome da aldeia). Evidentemente, o nome da comunidade, que também se liga ao nome da fonte, se relaciona ao nome da planta. Discutiremos isso mais adiante, durante a análise dos topônimos, que são essenciais nessa pesquisa.

Em um estudo desenvolvido por Ferreira (2009), há uma discussão sobre a possibilidade/necessidade de uma educação indígena diferenciada na escola estadual do povo Jiripancó. Esse trabalho também traz uma descrição do espaço da comunidade Ouricuri, objetivando compreender melhor a forma de vida dos indígenas desta aldeia. O autor destaca as características do espaço:

A maioria das casas na comunidade Ouricuri atualmente é construída de alvenaria, seguindo um modelo típico de povoados da região. São quatro ruas formando um quadrado, entendido por nós como um centro. Há mais seis ruas em volta do quadrado. No centro, há duas Igrejas Católicas, uma pequenina de São Pedro, outra um pouco maior por nome de "Igreja da Santa Cruz" - a padroeira da comunidade. À sua frente está uma praça com bancos de cimento e algumas árvores. Ao lado da praça, construíram uma quadra de esporte inaugurada no mês de maio de 2008. Há água encanada abastecida pelo Rio São Francisco que não chega à torneira todos os dias. A prefeitura faz a coleta do lixo dois dias por semana [...]. De um lado da Igreja da Santa Cruz, fica a antiga Escola José Quintino da Silva, construída em 1985 que, após a estadualização, em 2003, passou a ser chamada José Carapina, funcionando como extensão do novo prédio, que fica próximo à quadra de esporte (Ferreira, 2009, p. 41).

A descrição por Ferreira (2009) é pertinente porque parte das informações relatadas estão de acordo com a atual configuração da aldeia. Assim, é necessário ressaltar a presença dos dois prédios escolares de ensino – a antiga Escola Municipal José Quintino (anexo) e a Escola Estadual Indígena José Carapina. Os dois locais

foram unificados e passaram a receber o último nome destacado, através do processo de estadualização das escolas indígenas, em 2003.

Denominada Escola Estadual Indígena José Carapina, a instituição de ensino é resultado de luta das lideranças da etnia, que foi travada ainda na década de 1980. Antes da conquista da escola estadual, a Escola Municipal José Quintino, inaugurada em 1985, era insuficiente para as demandas do povo, que era obrigado a realizar uma dura escolha de duas opções possíveis: interromper os estudos, devido à impossibilidade de continuidade em seu território ou se locomover à sede municipal ou a municípios circunvizinhos, objetivando a continuação dos estudos.

Diante dessas circunstâncias, a evasão escolar e a interrupção dos estudos eram grandes, mas haviam as pessoas que percorriam o trajeto diário até o centro municipal ou até os municípios vizinhos. Nessa dinâmica de idas e vindas dos estudantes, um acontecimento relatado oralmente pela comunidade se apresenta como um estopim para a consolidação de uma escola no território que comportasse os anseios da etnia: em meados dos anos 2000, um grupo de estudantes indígenas Jiripancó retornavam de Pariconha durante a noite, quando foram abordados, sequestrados por dois criminosos e levados como reféns. Não houveram pessoas feridas, mas o acontecimento se estabeleceu na memória recente do povo. O episódio mostrava que a efetivação de uma escola indígena para todos os integrantes da etnia não era apenas para a esperança do povo, também era uma questão de vida.

Paralelamente à escola há as duas igrejas relatadas, ambas católicas, uma de São Pedro e a outra da Santa Cruz. As igrejas são comunitárias e construídas em momentos diferentes: na primeira parte da metade do século XX e no início dos anos 2000, respectivamente. Essas construções representam a relação existente entre os elementos tradicionais e o cristianismo, evidenciada na anual festa da padroeira local, sempre no final de abril e início de maio.

Além dos espaços destacados na pesquisa, existem elementos naturais que fazem parte da vida da comunidade, ao passo que a presença da natureza é inerente à vivência Jiripancó. Os relatos comunitários anteriores e posteriores ao reconhecimento étnico evidenciam a existência de uma principal fonte natural de água utilizada para a subsistência do povo do Ouricuri — a Fonte do Ouricuri. Essa fonte faz parte do povo, pois é um local que carrega parte da história da etnia, sendo sinônimo de vida e subsistência. Nos momentos em que a escassez de água tratada

era regra e a seca um obstáculo recorrente, essa fonte acalentava o povo e mantinha a esperança da nação.

Ainda sobre o espaço do Ouricuri, é relevante pontuar a existência de dois elementos rochosos – O Pedrão e O Cruzeiro. Esses locais carregam consigo parte da história do povo, se estabelecendo, inclusive, como pontos de referência da aldeia. Os espaços destacados fazem parte da memória Jiripancó, visto que são locais de união da etnia e visitantes, onde, sob um olhar acalentador, é possível visualizar a geografia da comunidade. Além disso, há uma vinculação entre os elementos destacados e as práticas tradicionais da etnia, especialmente nos finais e inícios de cada ano.

Na pesquisa de Ferreira (2009) ainda é mencionado o terreiro como espaço da comunidade Ouricuri. Trata-se de um lugar sagrado, onde é realizada a vinculação entre o ancestral e a natureza, entre a memória e a vida. É nesse local que o povo de todas as aldeias se junta para festejar, celebrar e agradecer à vida e à força encantada na natureza sagrada da etnia. Ao todo são cinco terreiros na aldeia, dos quais quatro recebem as nomeações: Terreiro do Meio, Terreiro da Laranjeira, Terreiro do Pedrão e Terreiro do Umbuzeiro.

Nos terreiros é praticado a maior parte dos rituais sagrados Jiripancó, fazendo uma relação entre o ancestral e o territorial, no qual é possível sentir a história, a memória e o sagrado da etnia, significando parte do que é ser Jiripancó. Isto é, os terreiros do Ouricuri existem para a vida da etnia ou, como aponta Ferreira (2009), como lugar de resistência.

3. ONOMÁSTICA E A IMPORTÂNCIA DA TOPONÍMIA PARA OS ESTUDOS DOS NOMES DE LUGARES

Antes de proceder à análise central desta pesquisa, é pertinente situar que o ato de nomeação faz parte da vivência humana, de modo a estabelecer conhecimentos sobre o mundo. Nesse sentido, é importante direcionar nosso olhar aos interesses da onomástica e de seu espaço toponímico enquanto área interdisciplinar/transdisciplinar que estuda os nomes próprios. A respeito disso, Ramos e Bastos (2010, p. 87) dizem que “[...] a Onomástica se constrói a partir do suporte de outros campos do saber, tendo o que realmente se chama caráter inter ou,

ainda transdisciplinar [...] o seu conhecimento se relaciona ao de outras áreas, sem confundir-se com eles, nem negá-los”. Assim, a nomeação e os estudos relativos aos nomes próprios de lugares constroem saberes de vida e vivência em um processo de pesquisa que interliga linguística, história e geografia.

Diante do exposto, é recorrente as noções à nomeação comum enquanto mera codificação e identificação dos objetos, de modo que se estabeleça como processo natural de designação, ao passo que a nomeação própria se firma como diferenciação de algo específico em relação a itens simples de mesma espécie. Considerando essa noção, nomear seria apenas identificar algo entre vários outros nomes disponíveis no vocabulário das línguas aos elementos, ou, especificar algo entre vários outros designativos. Entretanto, por uma ótica da Onomástica, “[...] tanto os topônimos como os antropônimos, ao lado de uma função identificadora, guardam, em sua estrutura imanente, uma significação precisa” (Dick, 1990, p. 41).

Ademais, é importante elencar que a nomeação própria se distingue da palavra comum, visto que o nome próprio supera a identificação dos nomes comuns, bem como sua ‘suposta’ distância entre nome e o objeto nomeado. Considerar a nomeação própria, então, propõe a compreensão das diferenças existentes entre palavra comum e nome próprio. Ao segundo grupo, Martins (1991, p. 19) aponta que “[...] podemos concluir que o nome próprio é muito mais que um sinal, um signo ou um significante: ele é um texto que envia à própria epopéia do sujeito em construção continuada”.

Tendo em vista essas valências do nome próprio, é notório que os estudos onomásticos, especialmente a toponímia - por manter um diálogo inter/transdisciplinar - se inscrevem em um espaço dinâmico de pesquisa envolvendo língua e outros saberes sociais.

3.1 Onomástica e a Toponímia: estudo dos nomes próprios de lugares

Das possibilidades de investigação da língua, a Onomástica se apresenta como objeto de estudo da realidade, ao conceber o sistema linguístico de uma sociedade atrelado às especificidades de determinado grupo social. Sob um olhar para o léxico como expressão de valores e construção de história de uma sociedade, Seabra (2004, p. 34) afirma que, “[...] as unidades lexicais refletem os diferentes

momentos da história de uma sociedade, enquanto recortam o universo em categorias que variam exprimindo visões particulares de mundo”. Essa noção exposta de léxico, atrelada às vivências dos grupos sociais ao longo do tempo, mobiliza olhares às pesquisas onomásticas, no sentido de construção dos saberes de dadas sociedades.

Perante o exposto, é relevante situar os estudos toponímicos dentro da Onomástica, considerando que ela trata de investigar o léxico na vida social. Sobre a área em destaque, Seabra (2004, p. 38) evidencia que “À Onomástica interessa o nome — distinto de palavra — pois pressupõe um nomeador e um nomeado”. Dessa forma, os estudos onomásticos, que incluem os toponímicos, evidenciam a relação entre língua e vivência social, no sentido de concepção da estrutura linguística ligada a motivações que superam a primazia do significado.

A Onomástica contempla dois campos de pesquisa, a Toponímia e Antroponímia, a primeira estuda os nomes próprios de lugares e a segunda investiga os nomes próprios de pessoas⁴. A esta pesquisa interessa-nos o primeiro grupo, que “[...] se ocupa, pois, da análise do topônimo em termos de língua de origem, estrutura e formação morfológica, transformação linguística, significação e distribuição espacial em uma área geográfica” (Isquierdo; Dargel, 2020, p. 82). Essa noção de estudos toponímicos sugere um caminho de pesquisa consistente, especialmente na investigação da origem e da estrutura dos nomes de lugares. É certo, assim, apontar os topônimos — nome de lugares — como objeto de estudo da Toponímia, haja vista que incide neles o processo de análise estudado.

Diante dos interesses do campo da Toponímia, dentro da área da Onomástica, em possibilitar um estudo focalizado no léxico toponímico ligado à vida social, considerando a história e saberes cotidianos do processo de nomeação, é pertinente considerar um objetivo macro das investigações toponímicas. Segundo Isquierdo e Dargel (2020),

[...] os resultados de um estudo toponímico podem tornar-se um documento linguístico-histórico-cultural de uma região. Isso inclui considerar como “pano de fundo” para a interpretação de dados toponímicos o modo de vida, a percepção do espaço dos povos que habitam ou que habitaram o espaço geográfico selecionado para a pesquisa (Isquierdo; Dargel, 2020, p. 83).

⁴ A área de estudo da Onomástica compreende dois subcampos, a Antroponímia e Toponímia, que correspondem ao estudo metodológico dos nomes próprio de pessoas e nome próprios de lugares, respectivamente. Assim, antropônimos são nomes de pessoas e topônimos são nomes de lugares.

Então, estabelecer investigações toponímicas, é, também, criar registros concretos de uma área geográfica. Tais registros contribuem na preservação da memória coletiva, evidenciando a relação entre os habitantes e seu ambiente.

A manutenção da concretude de um documento sobre uma região pela investigação toponímica, como destacam Isquierdo e Dargel (2020), procede em face do papel intrínseco de um nomeador para o topônimo em questão. Assim “ao se deslocar do sistema lexical e assumir caráter denominativo, o topônimo conecta-se ao lugar representado e o seu processo de identificação deixa de ser mediado pelo sentido e passa a ser remetido diretamente para o referente” (Abbade; Correia, 2020, p. 109). Em paralelo ao processo que incide na presença de um dominador, o topônimo passa a relacionar-se ao local nomeado, presumindo-se a procedência de saberes do local.

3.2 Toponímia e a motivação toponímica

Como visto anteriormente, as pesquisas toponímicas buscam construir conhecimentos reais sobre uma região geográfica, considerando investigações que remontam a existência de nomeadores. Nesse sentido, os estudos toponímicos também seriam análises de vivências sociais. Tomemos o que Dick (1987) diz:

Observando os diferentes sistemas culturais, em que topônimos, ou nomes próprios de lugares, se inscrevem como instrumentos hábeis de pesquisa, verifica-se que o sentido desses denominativos é o ponto de partida para investigações que, se antes, se definiam apenas como linguísticas, hoje se inscrevem, também, nos campos da geografia, da antropologia, da psicossociologia, enfim, da cultura em geral para, num aprofundamento, procurar compreender a própria mentalidade de denominador, não só como elemento isolado, mas como projeção de seu grupo social (Dick 1987, p. 97).

Considerando a afirmativa de Dick (1987), os estudos toponímicos — que demandam a existência de nomeadores e a presença de motivações que inscrevem determinado topônimo — também possibilitam o estabelecimento de saberes acerca do grupo populacional envolvido na nomeação do local. O que faz a Toponímia, então, proceder sobre uma investigação ampla, que supera a noção de um estudo estrito sobre os nomes de lugares e se consolida, dessa forma, como pesquisa específica envolvendo a nomeação como parte da vida social.

Essa possibilidade de estudo amplo dos saberes de sociedades através das investigações toponímicas acontece em função das análises toponímicas, inferindo-se a natureza das escolhas dos nomes dos lugares investigados. Em outras palavras, sobre as motivações da denominação do lugar em destaque.

Neste percurso investigativo, interessa, fundamentalmente, os motivos das escolhas dos nomes dos lugares pesquisados, alicerçados na relação entre denominador e localidade denominada. Falar de motivação dos nomes de lugares sugere a percepção da duplicidade da motivação:

primeiro, na intencionalidade que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico; e, a seguir, na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas (Dick, 1980, p. 289).

Levando em consideração o que foi posto acima, verifica-se que estabelecer uma pesquisa toponímica, pensando no interesse da motivação nesse estudo, compreende uma percepção da influência do meio em que o denominador vive, ao passo que, segundo Isquierdo e Oliveira (2020), o topônimo é resultado do olhar do denominador para a área geográfica verificada. Ainda considerando as autoras citadas, o denominador pode buscar motivações para as escolhas toponímicas em ambientes físicos ou socioculturais.

Desta forma, proceder a uma análise da natureza de um topônimo, em consonância com a possibilidade de registro de uma área, é possível com as noções de motivação toponímica. Sobre isso, Dick (1980) fala que a motivação pode ser encarada sob duas perspectivas: sob a ótica do nomeador, bem como das razões que o levaram a escolher o nome dentre outros disponíveis; e da “natureza do produto”, que corresponde à “substância mesma do topônimo”, quando da revelação pelos seus componentes linguísticos.

3.3 Estrutura e classificação dos Topônimos sob a ótica da motivação

Diante dos interesses da Toponímia, bem como das investigações toponímicas, é substancial uma análise atenta sobre como nomes de lugares e seus estudos agregam conhecimento ao entendimento do grupo nomeador, considerando

as noções de motivação. Para tanto, é relevante uma compreensão inicial sobre léxico, que, nas palavras de Biderman (1987, p. 83) “pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade lingüística que tem uma história”. Dessa maneira, “é através do sistema lingüístico, mais especificamente do seu léxico, que os indivíduos se expressam e expressam seus valores” (Seabra, 2004, p. 28).

Assim, os estudos toponímicos compreendem o repertório vocabular dos nomeadores, no sentido de que o repertório lingüístico disponível, segundo Dick (2007), é suficiente para suprir os propósitos de nomeação, na maioria das vezes. Verifica-se, então, de acordo com Isquierdo e Oliveira (2020), que a motivação das escolhas dos nomes de lugares situa a relação existente entre nomeador e lugar nomeado, e as possibilidades de nomes dentre o repertório lingüístico disponível pelo nomeador. Acrescente-se o que pontua Rivoira (2020, p. 59): “os topônimos são compostos de categorias gramaticais retiradas do repertório léxico da variedade lingüística em uso”.

O estudo dos nomes está ligado à Lexicologia, podendo ser apontada como responsável pelo estudo do léxico de uma língua, segundo Seabra (2004). Dessa forma, as pesquisas toponímicas se vinculam à Lexicologia como parte dos estudos sobre os nomes próprios, mais especificamente a parte dedicada a investigar os nomes próprios dos lugares. Percebe-se que os estudos na Toponímia, sendo pesquisas históricas, geográficas, sociais, também são lexicais, no sentido de verificação do repertório lingüístico disponível pelo denominador em interação com o local denominado, sobre a procedência da motivação para a seleção de dado nome.

Como possibilidade de pesquisa toponímica focalizada em analisar os topônimos de dada região, esta pesquisa procura investigar as motivações toponímicas sobre as escolhas dos nomes de lugares. Contudo, é indispensável considerar Dick (1975), que destaca um vínculo estreito entre denominador e lugar denominado, assim como a presença de percepções sensoriais e manifestações psíquicas como fontes geradoras dos motivos. Em outras palavras, “influências externas ou subjetivas” concorrem para a nomeação dos lugares. Trata-se, pois, da presença de possíveis fatores quanto à origem do topônimo estudado, podendo ser de origem externa, em se tratando de topônimos de origem física, ou subjetivas, no caso de topônimos de origem antropocultural.

Objetivando o andamento da investigação, este trabalho utiliza das proposições de Dick (1990), que nas palavras de Gonçalves; Ximenes (2023, p.54)

“consiste em analisar a toponímia sob dois vieses básicos: a análise da estrutura do topônimo, que envolve um estudo morfológico desses topônimos; e a análise da motivação toponímica”. Logo, essa pesquisa se propõe a investigar as motivações por trás das escolhas dos nomes de lugares a partir do seu interior linguístico.

Para alcançar os resultados desejados, abordamos a classificação proposta por Dick (1990) sobre a taxionomia dos nomes próprios de lugares, em que a pesquisadora organizou 27 *taxes* para dar conta de analisar a natureza e motivação dos topônimos, “traduzindo condutas motivadoras orientadas pela ordem física ou antropocultural de suas ocorrências” (Seabra, 2004, p. 55). Logo, as *taxes* correspondem a categorias dos topônimos, desenvolvidas para estabelecer uma maneira metodológica de classificação dos topônimos, considerando as motivações toponímicas das escolhas dos nomes e suas condições morfológicas. As referidas *taxes* são divididas em dois grupos, sendo 11 delas sobre a natureza física e 16 referentes à natureza antropocultural.

A classificação de *taxes* proposta por Dick (1990) foi assim representada por Seabra (2004):

Quadro 1 – Taxionomias de natureza física

Taxionomias de natureza física	
Astrotopônimos	[...] utilizada para se referir a topônimos, cujos nomes remetem a corpos celestes. Ex.: <i>Estrela</i> .
Cardinotopônimos	[...] topônimo quando este faz referência à posição geográfica. Ex.: <i>Praia do Leste</i>
Cromotopônimos	[...] quando o topônimo faz referência à cor. Ex.: <i>Rio Negro</i>
Dimensiotopônimos	[...] quando o topônimo se reveste do sentido de extensão, comprimento, largura, dimensão, profundidade. Ex.: <i>Rio Grande</i>
Fitotopônimos	Quando o topônimo faz referência à vegetação/vegetais. Ex.: <i>Folha Seca</i> .
Geomorfotopônimos	Quando o topônimo se refere a relevo. Ex.: Morro Alto
Hidrotopônimos	Topônimos que se referem a acidentes hidrográficos. Ex.: <i>Rio Doce</i> .
Litotopônimos	Enquadram-se nessa <i>taxe</i> os topônimos de índole mineral. Ex.: <i>Aço</i> .
Meteorotopônimos	[...] topônimo remete a ideia de fenômenos produzidos na atmosfera terrestre. Ex.: <i>Ventania</i>
Morfotopônimos	[...] topônimos cujo sentido lembra as formas geométricas. Ex.: <i>Círculo</i> .
Zootopônimos	Topônimo cujo sentido refere-se a animas. Ex.: <i>Araras</i>
Taxionomias de natureza antropocultural	
Animotopônimo Nootopônimo	ou [...] quando a motivação toponímica abrange áreas do psiquismo humano. Ex.: <i>Afeto</i> .

Antropotopônimos	São os nomes de lugares constituídos a partir de prenomes, apelidos de família, hipocorísticos, alcunhas, ou pelo conjunto onomástico completo. Ex.: Mário Filho .
Axiotopônimos	Quando o antropotopônimo vem acrescido de um título. Ex.: <i>Presidente Vargas</i> .
Corotopônimos	[...] topônimos relativos a nomes de cidade, a países. Ex.: Brasília
Cronotopônimos	São indicadores cronológicos, representados em Toponímia pelos adjetivos novo, nova, velho, velha. Ex.: <i>Vila Velha</i> .
Dirrematopônimo	São sintagmas toponímicos [...] sintagmas Semantizados. Ex.: <i>Graças a Deus</i> .
Ecotopônimos	[...] os nomes relativos à habitação em geral. Ex.: <i>Sobrado</i> .
Ergotopônimos	Referem-se a elementos da cultura material do homem. Ex.: <i>Baú</i> .
Etnotopônimos	São os topônimos relativos a grupos étnicos. Ex.: <i>Ilha do Francês</i> .
Hierotopônimos	Nessa taxa, encontra-se a toponímia de origem religiosa [...] de diferentes crenças. Ex.: <i>Capela</i> .
Historiotopônimos	[...] topônimos ditos históricos, que relembram a história do país. Ex.: <i>7 de setembro</i> .
Hodotopônimos	[...]topônimos relativos aos caminhos [...]às vias de comunicação rural e urbana. Ex.: <i>Ponte Nova</i>
Numerotopônimos	Topônimos relativos a adjetivos e numerais. Ex.: <i>Sete Lagoas</i> .
Poliotopônimos	Referem-se às taxas relacionadas aos aglomerados populacionais. Ex.: <i>Serra da Aldeia</i> .
Sociotopônimos	Referem-se às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de reunião de um grupo. Ex.: <i>Praça</i> .
Somatopônimos	[...] topônimos dotados de caráter metafórico [...], às partes do corpo humano ou do animal. Ex.: <i>Pé de Galinha</i> .

Fonte: Adaptado de Seabra (2004, p. 55-59)

Nas seções que se seguem, será apresentado o detalhamento do percurso investigativo empreendido para alcançar os objetivos estabelecidos nesta pesquisa. Serão discutidos e analisados os dados coletados relacionados aos topônimos da localidade Ouricuri.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA TOPONÍMICA

Esta seção apresenta objetivamente os direcionamentos utilizados para a coleta de informações pertinentes ao estudo toponímico, no sentido de estabelecer uma descrição coerente e precisa sobre a procedência e análises dos dados toponímicos. Diante disso, estão descritos os procedimentos adotados durante o

percurso investigativo, bem como os instrumentos para a realização de um estudo toponímico eficaz.

A investigação segue uma orientação de pesquisa quali-quantitativa, que contempla a descrição, classificação e interpretação de dados toponímicos, assim como as procedências motivadoras por trás das escolhas toponímicas. Sendo assim, esse estudo utiliza quadros informativos, mapas geográficos, fichas toponímicas e roteiro de entrevista, objetivando uma precisão quanto aos resultados da investigação.

O desenvolvimento da pesquisa aconteceu em duas etapas pertinentes: a pesquisa bibliográfica para a fundamentação sobre a área de estudo toponímico, bem como sobre a procedência do local investigado; e a pesquisa de campo, objetivando uma análise efetiva dos dados toponímicos pesquisados. As etapas citadas acompanham o aporte teórico de Dick (1980, 1987, 1990, 2007), Seabra (2004), Ferreira (2009), Peixoto (2018) e Santos (2015).

Para alcançar o objetivo almejado, se fez necessário a construção de fichas toponímicas, que mobilizam e direcionam a realização de análises objetivas e condizentes com a realidade toponímica da região investigada, visto que a “[...] ficha toponímica pode ser descrita como um conjunto estruturado de informações sobre um topônimo, objetivando explicitá-lo e classificá-lo” (Seabra, 2004, p. 47). Logo, estabelece-se como instrumento indispensável das pesquisas na Toponímia. As fichas toponímicas seguem as orientações proposta por Dick (1990), que Seabra (2004) adaptou da seguinte maneira:

Quadro 2 – Modelo de ficha toponímica

Topônimo: Corresponde ao nome do local estudado.	Taxionomia: Neste campo registra-se a taxa do topônimo
Município: Local onde está situado o topônimo.	
Acidente: Trata-se da natureza semântica da denominação, ou seja, o vínculo entre o nome e o lugar. Divide-se em humanos e físicos.	
Origem: Indica a procedência do topônimo, a língua originária do nome.	
Estrutura morfológica: Indica a classe gramatical, o gênero e o número de cada um dos topônimos, agrupados em esquemas ou estruturas morfossintáticas.	

Informações enciclopédicas: Informações sobre o topônimo, encontradas em livros ou na internet.
Informações adicionais: Informações dos informantes das entrevistas.

Fonte: Adaptado de Seabra (2004, p. 48)

4.1 Coleta de dados e pesquisa de campo

As estratégias de coleta de dados sobre os topônimos se estabelecem de forma combinatória — leitura de documentos públicos em associação com as informações disponíveis pelos entrevistados. Parte dos nomes de lugares são verificados através de documentos públicos: teses, dissertações, TCC, artigo científico e páginas oficiais do estado de Alagoas. Essa maneira de investigação está embasada nas considerações de Dick (1990, p. 52), ao afirmar que “É possível, de fato, que, em uma área de pouca densidade toponímica, com denominações relativamente recentes ou bem documentadas, tenham informantes condições para explicar a origem da nomenclatura geográfica”.

Considerando a afirmação de autor sobre a possibilidade de uma investigação toponímica eficaz, o presente trabalho utiliza-se de entrevistas semiestruturadas direcionadas a indígenas moradores na comunidade investigada, seguindo a busca pela objetividade ligada às noções sobre as escolhas dos nomes verificados. Trata-se, portanto, de uma busca efetiva pelos saberes por trás dos nomes dos lugares. Para tanto, as entrevistas semiestruturadas foram orientadas por um roteiro de entrevista adaptado de Aragão (2017):

Quadro 3 – Roteiro de entrevista

Nome:
Idade:
Gênero:
Profissão:
Quanto tempo vive em Ouricuri?
O que conhece sobre a história de (nome do topônimo)?

Esse topônimo já teve outro nome? Qual? Quais motivos da outra denominação?

Fonte: Adaptado de Aragão (2017)

Ademais, as escolhas dos entrevistados seguem alguns critérios para melhor estabelecer a efetividade dos dados coletados, considerando a relevância de informações para o andamento da investigação. As referidas especificações são: a) ter pelo menos 40 anos morando na aldeia; b) ter vínculo estreito com as vivências na comunidade, bastando fazer parte da organização do grupo.

A totalidade das pessoas entrevistadas segue a quantidade de topônimos analisados. Portanto, as informações estão de acordo com entrevistas a 11 indígenas Jiripancó, dos quais, cada um (a) foi entrevistado(a) sobre um nome apenas. Ao final, foi possível o registro escrito de relato oral sobre o local investigado, contribuindo com as informações básicas deste trabalho e constituindo informações adicionais das fichas toponímicas em apêndices. Essa dinâmica objetiva um levantamento de dados toponímicos orais suficientes para os estudos dos nomes e considera a referida 'pouca densidade toponímica' trazida por Dick (1990), como é o caso de Ouricuri.

O *corpus* conta com 11 topônimos identificados e analisados na investigação. Desses nomes, quatro deles estão presentes na dissertação de mestrado de Ferreira (2009), que disserta sobre a escola diferenciada dos Jiripancó; cinco deles estão evidenciados na tese de doutoramento de Peixoto (2018), que discorre sobre a identidade, religiosidade e pertencimento Jiripancó; um deles é mencionado por Santos e Aragão (2018), que falam sobre os topônimos de comunidades rurais de Pariconha; o outro é perceptível em postagens disponíveis na internet. Nas páginas finais deste trabalho e objetivando comprovar a existência do lugar nomeado, estão contidas fotografias dessas localidades.

Após a coleta dos topônimos, a partir das fontes descritas, passamos a classificar o referido nome de acordo com os direcionamentos da ficha toponímica, importando os aspectos linguísticos que acompanham a existência do nome. Essa etapa busca sistematizar as informações sobre o topônimo estudado e mobiliza tanto as fontes de apoio para se chegar ao nome quanto as informações possibilitadas através das entrevistas. Depois da análise dos dados toponímicos e sua classificação,

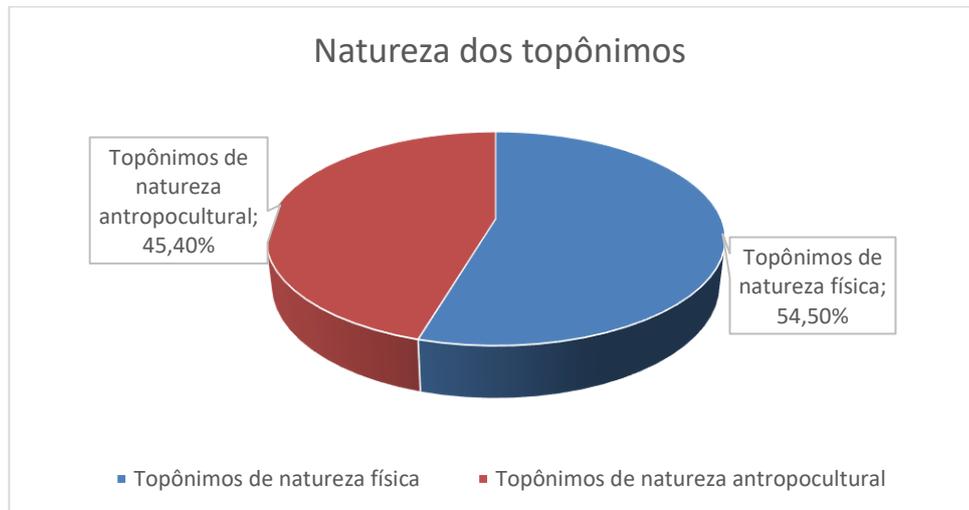
o trabalho evidencia a importância dos nomes dos lugares para a etnia detentora da nomeação dos locais.

5. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS TOPONÍMICOS

Este capítulo se propõe a descrever e analisar os nomes de lugares da aldeia Ouricuri, considerando, para isso, as informações coletadas durante o percurso investigativo. Para tanto, utiliza-se dos instrumentos e metodologias citadas na seção anterior, no sentido de atribuir maior precisão à pesquisa. A referida análise considera o acidente do topônimo — natural ou humano; a natureza taxionômica — física ou antropocultural; e as possíveis motivações para as escolhas dos nomes. O estudo também considera os topônimos paralelos como parte indissociável da nomeação de lugares.

A análise utiliza-se de um quantitativo de 11 topônimos (como mencionado anteriormente) da comunidade analisada: Igreja de São Pedro, Igreja de Santa Cruz, Escola José Carapina, Escola José Quintino da Silva, Fonte do Ouricuri, O Pedrão, O Cruzeiro, Terreiro da Laranjeira, Terreiro do Meio, Terreiro do Pedrão e Terreiro do Umbuzeiro. Todos os topônimos são parte da história da etnia Jiripancó e correspondem a locais relevantes para o povo.

O *corpus* da pesquisa verifica maior incidência de acidentes humanos, com 72%, visto que os nomes correspondem à denominação de quatro terreiros, duas igrejas e duas escolas na aldeia, embora verifique-se, também, a existência de acidentes naturais, com 27% de ocorrência, já que há duas formações rochosas particulares e uma fonte natural de água na comunidade analisada. Nesse contexto, o primeiro grupo corresponde a locais criados ou modificados pelo homem, enquanto o outro grupo faz referência a acidentes geográficos decorrentes da própria natureza.

Gráfico 1 – Natureza dos topônimos

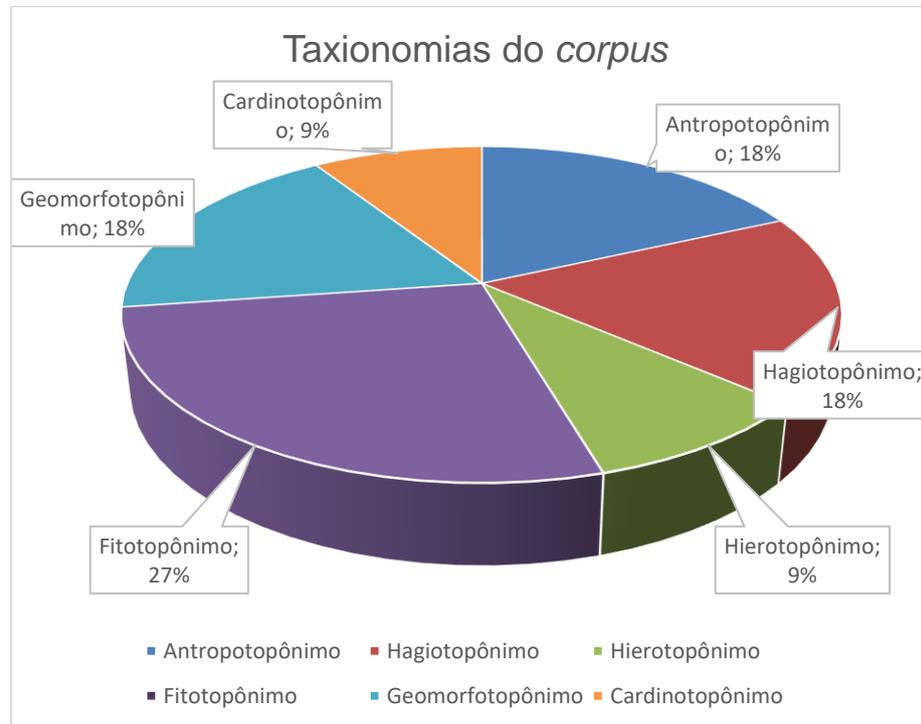
Fonte: Elaborado pelo autor.

Desses 11 nomes investigados, a maior incidência recai sobre os nomes de natureza física, 54,5 % em relação aos de natureza antropocultural ,45,4% (ver gráfico 1). No entanto, embora haja uma grande disparidade entre os acidentes geográficos de origem humana e os naturais, observa-se uma aproximação no que diz respeito à natureza dos nomes. Em outras palavras, apesar de haver uma quantidade significativamente maior de locais criados ou alterados pela intervenção humana em comparação com aqueles formados por processos naturais, os topônimos apresentam uma semelhança notável em sua essência.

Dos topônimos de natureza antropocultural analisados, dois deles são *antropotopônimos*, representando 18% do total, isto é, são topônimos que se referem a nomes próprios de pessoas; dois são *hagiotopônimos*, com 18% de ocorrência, relativos a nomes de santos e santas católicos; e um *hierotopônimo*, aparecendo em 9% dos dados, que são topônimos referentes a nomes sagrados de religiões.

Dos topônimos de natureza física analisados, três deles são *fitotopônimos*, apresentando 27% do todo, assim, são topônimos relativos à vegetação; dois se inscrevem como *geomorfotopônimos*, com 18% de ocorrência, referentes a nomes com vinculação a formas topográficas; e um *cardinotopônimo*, que aparece em 9%, referentes a posições geográficas.

Gráfico 2 – Ocorrências das Taxonomias dos topônimos do corpus.



Fonte: Elaborado pelo autor.

A investigação compreende que as escolhas dominativas de natureza física, a *taxe* de *fitotopônimos*, bem como a de *geomorfotopônimos* e *cardinotopônimo*, evidenciam a espontaneidade dessas denominações, pois os nomes correspondentes às *taxes* estabelecem uma vinculação com a natureza do local denominado. Assim, torna-se mais evidente a vinculação entre o topônimo Terreiro da Laranjeira e o espaço que recebeu esse nome devido à presença de uma laranjeira em seu interior; ou, o nome Terreiro do Umbuzeiro que se vincula com o espaço onde há um umbuzeiro em sua circunjunção.

Verifica-se, pois, que todas as denominações correspondentes à *taxionomia* de natureza física apresentam motivação parecida, pois todas elas apresentam espontaneidade na nomeação, vinculando o nome escolhido às particularidades do local denominado.

Quanto aos topônimos de natureza antropocultural analisados, percebe-se a presença de outros elementos para além da espontaneidade. Nesse caso, há a

influência de aspectos sociais, culturais e psicossociais na nomeação, não havendo indicação substancial para uma denominação totalmente espontânea. Como exemplo, o topônimo Escola José Carapina, que se estabelece como um *antropotopônimo*, não apresenta vinculação espontânea como os nomes de natureza física, considerando que José Carapina e a referida escola são de séculos diferentes. Logo, essa denominação é possível devido à importância histórica e social que a pessoa detentora do nome tem para o local nomeado. A mesma dinâmica ocorre com os demais topônimos de natureza antropocultural, em que se considera aspectos sociais, culturais e psicossociais para a nomeação dos lugares.

5.1 Motivação toponímica no Ouricuri

As escolhas denominativas do Ouricuri seguem uma forma peculiar. A investigação atribui esses nomes à história e memória da etnia Jiripancó, ao passo que todos os topônimos apresentam forte relação com a existência e organização do povo. Não obstante, tanto os acidentes humanos quanto os acidentes naturais têm relações estreitas com a vida da etnia. Consequentemente, tanto os topônimos de natureza física quanto os topônimos de natureza antropocultural configuram-se como parte das vivências em Ouricuri.

Diante disso, os topônimos 'Escola José Carapina' e 'Escola José Quintino da Silva' evidenciam a noção de homenagem muito comum às escolhas que correspondem a *taxe antropotopônimo*. No caso desta investigação, essas escolhas denominativas se situam como parte da vida do próprio povo, visto que são nomes de pessoas que possibilitaram Jiripancó e a aldeia Ouricuri serem como são.

Tome-se a própria história do grupo étnico, que surgiu a partir da vinda forçada de José Carapina e Izabel para a área correspondente à aldeia, e que, posteriormente, se consolidou a partir de famílias descendentes e parentes também fugidos, em um processo de resistência à opressão militar. A denominação da escola considera a existência e relevância do antigo ancestral da etnia para a vida de todas as aldeias que são parte do povo Jiripancó.

Do mesmo modo, a 'Escola José Quintino da Silva', que atualmente corresponde à parte anexo da 'Escola José Carapina', recebe esse nome em homenagem a uma importante personalidade da etnia Jiripancó. O homenageado é

descendente de José Carapina e ajudou a consolidar as noções territoriais da aldeia Ouricuri, quando, em acordo com demais famílias originárias, possibilitou a distribuição do território do Ouricuri entre os indígenas, em um movimento de organização importante para a configuração que se tem hoje. Nesse processo, todas as gerações puderam construir suas casas e viver na comunidade no seio da memória de seus antepassados. Portanto, considerando as entrevistas realizadas, os *antropotopônimos* na comunidade vinculam história e memória Jiripancó.

De forma parecida, os nomes dos terreiros verificam a peculiaridade referente à maneira como o povo da comunidade utiliza a nomeação. Considera-se esses espaços sagrados como acidentes humanos, em que os indígenas dessa etnia efetivam suas práticas tradicionais, e, como resultado, a manutenção de suas vidas em diálogo com a natureza sagrada que os envolve.

Apesar de os espaços geográficos denominados de terreiros serem acidentes humanos, todos os nomes obedecem à taxionomia de natureza física, isto é, todos os topônimos dos terreiros do Ouricuri mantêm uma vinculação com a natureza do local denominado. Como resultado, é esperado uma maior espontaneidade quanto à denominação do local, haja vista sua notável vinculação com o caráter do espaço.

Nesse sentido, o denominativo ‘Terreiro da Laranjeira’ evidencia uma condição mais espontânea da denominação, visto que seu nome é resultado do olhar da comunidade para com os elementos naturais que circundam o local. Como consequência, o nominativo da *taxe fitotopônimos* em destaque relaciona o elemento natural laranjeira ao espaço sagrado denominado. Como resultado, o nome adotado se materializa como parte dos saberes da etnia.

De forma parecida, o *fitotopônimo* ‘Terreiro do Umbuzeiro’ apresenta também uma vinculação elementar entre componente natural e local sagrado, uma vez que essa denominação decorre do olhar das pessoas do Ouricuri para o espaço sagrado e a presença de um umbuzeiro nos seus arredores. Em vista disso, há associação espontânea entre o terreiro sagrado e o elemento vegetal circunjacente, sendo esse último (umbuzeiro) símbolo ritualístico e de resistência dos povos indígenas do Alto Sertão de Alagoas.

Ainda sobre a relação entre componente natural e local sagrado, comum às denominações dos terreiros do Ouricuri, o denominativo ‘Terreiro do Pedrão’ efetiva a estreita relação entre o elemento rochoso ‘Pedrão’ e o espaço sagrado terreiro. Nesse caso, a vinculação entre os espaços tem um elemento circunstancial ainda mais

indissolúvel: 'O Pedrão' que circunda o terreiro é considerado um espaço turístico local e recebe também visitantes durante os festejos anuais no terreiro. O *geomorfotopônimo* analisado vincula o nome do elemento rochoso 'Pedrão' - que é também um nome de outro topônimo analisado nesta pesquisa - ao local terreiro.

O topônimo da *taxe Cardinotopônimos* 'Terreiro do Meio' é mais um exemplo da espontaneidade dos topônimos de natureza física. A nomeação do lugar decorre da localização do espaço sagrado na comunidade, visto que o local se encontra entre as casas da aldeia. Diante disso, a denominação obedece à noção da comunidade à própria organização territorial do povoamento; mais um exemplo de como a consciência do povo nomeador ao local nominado se estabelece também a partir de saberes coletivos sobre o próprio território.

Paralelamente aos terreiros, que são acidentes humanos que recebem nomes de natureza física, o *Hierotopônimo* Cruzeiro é inicialmente um acidente natural que recebe uma denominação que corresponde à taxionomia de natureza antropocultural. O local é descrito como uma formação rochosa mediana no território do Ouricuri. A escolha do nome foi feita devido à existência de uma cruz no seu topo e também por causa dos rituais que acontecem em momentos específicos na aldeia. O nome evidencia a relação histórica que o povo tem com a manifestação católica.

Considerando os acidentes humanos, há no centro da comunidade duas igrejas católicas, uma pequena e uma maior, originalmente denominadas de Igreja de São Pedro e Igreja da Santa Cruz, respectivamente. Os locais comunitários são de duas épocas distintas: a Igreja de São Pedro foi construída na metade da primeira parte do século XX; enquanto a Igreja da Santa Cruz foi construída no início do século XXI. Nesse caso, a denominação desses locais corresponde à taxionomia de natureza antropocultural. Os referidos nomes das igrejas correspondem a duas festas anuais na comunidade; sobre a Igreja da Santa Cruz, o topônimo utilizado é o nome da padroeira da localidade.

Ainda sobre o *Hagiotopônimo* Igreja de São Pedro, há opacidade quanto a essa denominação, visto que os indígenas não utilizam essa nomeação do espaço; apenas o topônimo paralelo 'Igrejinha', devido ao seu tamanho em comparação à Igreja de Santa Cruz. Ainda sobre os relatos, essa igreja recebe a denominação por causa da existência anual da festa de São Pedro. Do mesmo modo, a Igreja de Santa Cruz é chamada apenas de 'Igreja' pelos indígenas da comunidade e a origem do nome oficial remonta a existência da padroeira 'Venerosa' Santa Cruz na aldeia. Cabe

ressaltar, ainda sobre os relatos, que a Santa Cruz foi e é utilizada durante as penitências paralelamente à construção da Igreja de São Pedro, motivo pelo qual passou a ser considerada padroeira.

Diferentemente da natureza toponímica e geográfica dos topônimos anteriores, o *geomorfotopônimo* Pedrão se situa como acidente natural situado dentro do território Jiripancó e localizado na circunjunção da aldeia Ouricuri. O espaço é descrito como uma grande formação rochosa que abriga uma cruz fincada em seu topo. O nome foi dado devido às características do local, e, portanto, se consolida como uma denominação espontânea. A principal diferença entre o topônimo O Pedrão e O Cruzeiro está na natureza do nome — natureza física e natureza antropocultural, respectivamente — evidenciando a vinculação existente entre natureza do espaço e aspectos culturais ligados à vida de Jiripancó.

Como dito anteriormente, o nome do local estabelece uma vinculação espontânea entre os saberes da comunidade e a natureza do local. O denominativo identifica um espaço também sagrado para o povo Jiripancó, visto que o lugar é utilizado para encontros ritualísticos, tanto de pessoas da comunidade, quanto de indivíduos de comunidades vizinhas. Sua maior utilização acontece nos momentos de quaresma católica e é um espaço livre para as comunidades circunvizinhas na maior parte do ano.

A pesquisa compreende que 'O Pedrão' deve ser estudado e analisado separadamente do topônimo 'Terreiro do Pedrão', visto que os locais são utilizados em momentos diferentes e em rituais distintos. A utilização dos dois topônimos, ~~entretanto~~, decorrem da mesma motivação toponímica, na qual os saberes dos moradores da comunidade se misturam à natureza física do lugar, em um movimento espontâneo e necessário de nomear.

Congruentemente aos demais espaços da aldeia, a Fonte do Ouricuri se situa como parte substancial da memória, história e vivência Jiripancó. O referido acidente natural abriga um topônimo de natureza física particularmente indissociável a quaisquer indígenas da comunidade. Segundo Santos e Aragão (2018), a motivação do nome da aldeia se refere à existência da fonte. Sobre o topônimo investigado, sua motivação toponímica remete a presença de *ouricurizeiros* nas proximidades do espaço.

O *Fitotopônimo* em destaque traz consigo parte da motivação desta investigação. O nome analisado evidencia com mais clareza os saberes do povo

Jiripancó sobre o processo de nomear, ao passo que a escolha do nome é anterior até mesmo ao nascimento da aldeia. Nesse caso, a fonte recebe esse nome devido à existência de *ouricurizeiros* ao redor, estabelecendo uma maior espontaneidade na nomeação. Por outro lado, o nome Ouricuri tornou-se também o nome da aldeia centro da etnia Jiripancó.

No quadro abaixo estão dispostos os topônimos identificados e analisados, a *taxe* correspondente de cada nome, a motivação para a escolha do referido nome e os topônimos paralelos.

Quadro 4 – As motivações toponímicas do Ouricuri

Topônimo	Taxe	Motivação	Topônimo paralelo
Escola José Carapina	<i>Antropotopônimo</i>	O nome da instituição foi dado em homenagem ao indígena de mesmo nome que iniciou o processo que possibilitou o surgimento da etnia Jiripancó.	
Escola José Quintino da Silva	<i>Antropotopônimo</i>	O topônimo da instituição (hoje anexada à escola José Carapina) é uma homenagem ao indígena homônimo, que foi descendente de José Carapina e favoreceu a consolidação do povo.	O Grupo
Igreja de São Pedro	<i>Hagiotopônimo</i>	O nome foi dado devido às festividades que acontecem anualmente desde a construção do espaço.	Igrejinha
Igreja da Santa Cruz	<i>Hagiotopônimo</i>	O nome foi dado devido à existência da 'Venerosa' Santa Cruz na comunidade.	
Fonte do Ouricuri	<i>Fitotopônimo</i>	O nome remete à existência de ouricurizeiros no local.	
O Cruzeiro	<i>Hierotopônimo</i>	O nome faz referência à presença de uma cruz no espaço.	Pedrãozinho/Cruzeiro do Poró.
O Pedrão	<i>Geomorfotopônimo</i>	Topônimo espontâneo, onde a própria característica do local dá nome ao espaço.	

Terreiro da Laranjeira	<i>Fitotopônimo</i>	O nome foi dado devido à existência de uma laranjeira no interior do terreiro.	
Terreiro do Meio	<i>Cardinotopônimo</i>	Topônimo faz referência à posição geográfica do terreiro em relação à aldeia Ouricuri.	Terreiro de Baixo
Terreiro do Pedrão	<i>Geomorfotopônimo</i>	O nome se refere à presença de uma formação rochosa nas proximidades do espaço.	
Terreiro do Umbuzeiro	<i>Fitotopônimo</i>	Nome dado em função da existência de um umbuzeiro na circunjunção do local.	

Fonte: Elaborado pelo autor

O quadro sintetiza os dados obtidos ao longo da pesquisa, apresentando de forma clara e organizada os topônimos identificados e analisados durante a investigação. Como é possível perceber, nele encontram-se dispostos não apenas os nomes dos lugares, mas também a *taxe* correspondente a cada nome, refletindo sua frequência ou relevância dentro do contexto da aldeia Ouricuri.

Além disso, o quadro destaca a motivação por trás da escolha de cada topônimo, elucidando os fatores culturais, históricos ou ambientais que influenciaram a nomeação dos espaços. Também são apresentados os topônimos paralelos, que se referem a nomes alternativos ou variações utilizadas pela comunidade para denominar esses mesmos lugares.

Essa estrutura facilita a compreensão das dinâmicas linguísticas e culturais que permeiam a nomeação dos espaços, funcionando como uma síntese dos principais achados da pesquisa e permitindo uma visão global e organizada das relações entre os topônimos e a vida cotidiana da etnia Jiripancó.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação revelou um processo singular e profundamente enraizado no que diz respeito à nomeação de espaços na aldeia Ouricuri. Observou-se que a

escolha dos nomes está intrinsecamente ligada à relação da comunidade com o ambiente e seus saberes, resultando em uma nomeação espontânea que se baseia nos elementos naturais e culturais que constituem os espaços. Esse processo de nomeação reflete não apenas a percepção dos habitantes sobre o local, mas também a importância dos aspectos físicos e simbólicos da paisagem no dia a dia da comunidade.

Os lugares sagrados, por sua vez, seguem um padrão semelhante de nomeação, estabelecendo uma conexão direta com os elementos físico-naturais do território. Essa relação entre o espaço e o sagrado reforça a forma como a etnia Jiripancó interpreta e interage com o seu entorno, demonstrando que a natureza e a espiritualidade estão profundamente entrelaçadas em suas tradições e costumes.

Os dados coletados evidenciam claramente uma vinculação estreita entre os topônimos e a história, cultura e vida cotidiana da etnia Jiripancó. Cada nome carrega consigo narrativas, memórias e valores, tornando-se, assim, uma expressão da identidade do povo. Os topônimos, mais do que meras denominações geográficas, são elementos que incorporam a própria maneira Jiripancó de ser e estar no mundo.

Um exemplo eloquente dessa importância é o nome da própria aldeia, que recupera e ressignifica uma denominação anterior de um espaço local para identificar toda a comunidade. Esse ato de nomear não é apenas uma forma de designação territorial, mas também um gesto de resistência cultural, resgatando memórias e experiências compartilhadas ao longo das gerações. De forma semelhante, a nomeação dos terreiros segue um processo espontâneo, mas que não deixa de refletir a íntima conexão entre o povo Jiripancó e seu espaço natural.

Como resultado, os nomes desses locais transcendem a função de simples referências geográficas, tornando-se parte fundamental da existência e resistência da etnia Jiripancó. Eles simbolizam a continuidade de uma identidade que se forja a partir de suas memórias coletivas, tradições e vivências cotidianas, assegurando que a relação com a terra e a história de seu povo permaneça viva e vibrante. A nomeação dos espaços, portanto, é um ato de afirmação cultural que reforça a permanência e a força da etnia no seu território e em sua memória coletiva.

7. REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza; CORREIA, Clese Mary Prudente. **Os signos toponímicos e suas marcas na história da Bahia**. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ABBADE, Celina Márcia de Souza (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2020. p. 104-120.

ARAGÃO, Rafaela Simias. **Toponímia e ambiente físico**: A nomeação de comunidades rurais do sertão nordestino. Trabalho de conclusão de curso (Letras - Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **A Estruturação do léxico e a organização do conhecimento**. 1987. V. 69. (Linguística) – UNESP, LETRAS DE HOJE, v. 69, 1987.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O problema das taxionomias toponímicas. (Uma contribuição metodológica). **Língua e Literatura**, São Paulo, Brasil, v. 4, n. 4, p. 373–380, 1975. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/122791..> Acesso em: 17 mar. 2024.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II. **Revista Trama**, v. 3, n. 5, p. 141-155, 2007. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/965/828>. Acesso em: 17 mar. 2024.

DICK, Maria Vincentina de Paula do Amaral. Toponímia e Cultura. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v. 27, São Paulo, p. 93-101, 1987.

DICK, Maria Vincentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica**: princípios teóricos e modelos taxeonômicos. 1980. 366 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

DICK, Maria Vincentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

FERREIRA, Gilberto Geraldo. **A Educação dos Jiripancó**: Uma reflexão sobre a escola diferenciada dos povos indígenas de Alagoas. 2009. Dissertação (mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

GONÇALVES, E. L.; XIMENES, E. E. . Interdisciplinaridade nos estudos toponímicos: a contribuição do modelo taxionômico de Dick (1980, 1990). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 47-61, 2023. DOI: 10.22481/el.v21i1.10199. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/10199>. Acesso em: 10 mar. 2024.

ISQUERDO, Aparecida Negri; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Toponímia urbana: um estudo de caso a partir de dados do ATEMS. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ABBADE, Celina Márcia de Souza (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2020. p. 82-103.

LIMA, Érica Franciele da Silva. **Escola José Carapina e a educação escolar indígena: os desafios enfrentados pelo povo jeripankó por uma educação diferenciada e de qualidade.** 2021. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Geografia, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2021.

MARTINS, Francisco. O Nome Próprio. Brasília: **Editora da UNB**, 1991, p. 11-20.

OLIVEIRA, L. R. de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Toponímia rural de acidentes humanos do Mato Grosso do Sul: motivações toponímicas e estruturas sintagmáticas. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 58–77, 2020. DOI: 10.14393/Lex5-v3n1a2017-4. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/49806>. Acesso em: 03 mar. 2024.

OLIVEIRA, Letícia Reis de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Toponímia rural de acidentes humanos do Mato Grosso do Sul. **Revista Gtlex**, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 58-77, 1 abr. 2020. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/lex5-v3n1a2017-4>.

PEIXOTO, Adelson. **Minha identidade é meu costume: religião e pertencimento entre os indígenas Jiripankó - Alagoas.** 2018. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, [S. l.], 2018.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim; BASTOS, Gleyce Ramos. Onomástica e possibilidades de releitura da história. **Revista Augustos**, Rio de Janeiro, p. 86-92, 30 ago. 2010.

RIVOIRA, Matteo; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Toponímia de tradição oral: algumas notas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ABBADE, Celina Márcia de Souza (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** Campo Grande: Editora UFMS, 2020. p. 48-67.

SANTOS, Cezar Alexandre Neri; ARAGÃO, Rafaela Simias. Toponímia e ambiente físico: a nomeação de comunidades rurais do sertão nordestino. **Revista de Estudos de Cultura**. vol 4. n. 2, 2018, p. 141-168.

SANTOS, Cícero Pereira dos. **Território e Identidade: processo de formação do povo indígena Jiripancó.** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura intercultural indígena de Alagoas) - Universidade Estadual de Alagoas, Palmeira dos Índios, 2015, p. 14-29.

SEABRA, Maria Cândida Trindade de. **A formação e a fixação da língua portuguesa: a toponímia da região do Carmo.** 2004. 368 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

APÊNDICES

Escola Estadual Indígena José Carapina



Fonte: Erica Lima, 2021.

(01) Topônimo: Escola Indígena José Carapina.	Taxionomia: <i>Antropotopônimo.</i>
Município: Pariconha.	
Acidente: Humano/Instituição pública de ensino básico.	
Origem: Hibridismo [indígena + portuguesa]	
Estrutura morfológica: NCf [Ssing + Ssing + Ssing + Ssing].	
Informações enciclopédicas: ---	
Informações adicionais: A denominação da escola é o nome do ancestral do povo Jiripancó. Considerando as entrevistas, o nome trata-se de um apelido dado ao antepassado da etnia, visto que seu nome oficial era José Antônio do Nascimento.	

Escola José Quintino da Silva



Fonte: Elaborado pelo autor.

(02) Topônimo: Escola José Quintino da Silva	Taxionomia: <i>Antropotopônimo.</i>
Município: Pariconha.	
Acidente: Humano/Instituição pública de ensino básico.	
Origem: Portuguesa.	
Estrutura morfológica: NCf [Ssing + Ssing + {Prep. + Ssing}].	
Informações enciclopédicas: ---	
Informações adicionais: A denominação dessa antiga escola, que hoje é anexada à escola José Carapina e funciona como parte dessa última, foi dada em função de um descendente de José Carapina. A escolha segue a consideração e o respeito da comunidade para com uma personalidade que ajudou a configurar a distribuição territorial da aldeia Ouricuri.	

Igreja de São Pedro



Fonte: Elaborado pelo autor

(03) Topônimo: Igreja de São Pedro	Taxionomia: <i>Hagiotopônimo</i>
Município: Pariconha.	
Acidente: Humano/Igreja católica construída em meados da primeira metade do século XX.	
Origem: Portuguesa.	
Estrutura morfológica: NCf [Ssing + {Prep. + Ssing + + Ssing}].	
Informações enciclopédicas: <i>São</i> tem origem latina (<i>Sanus</i>) e significa sadio. O nome <i>Pedro</i> tem origem no grego <i>Pétros</i> , que vem de <i>petra</i> , significando "pedra".	
Informações adicionais: A nomeação dessa antiga igreja católica decorre da relação entre as tradições indígenas e o catolicismo. Poucos moradores conhecem essa denominação, visto que preferem utilizar a denominação paralela 'Igrejinha'.	

Fonte do Ouricuri



Fonte: Elaborado pelo autor.

(05) Topônimo: Fonte do Ouricuri	Taxionomia: <i>Fitotopônimo</i>
Município: Pariconha.	
Acidente: Natural/fonte de água surgida naturalmente.	
Origem: Indígena	
Estrutura morfológica: NCf [Ssing + {Prep. + Ssing}].	
Informações enciclopédicas: Cunha (1998, p. 309) destaca assim o verbete <i>uricuri</i> : “variantes ururucuri, urucurî, urucurí, ouricory, uricuri, ouricury, uricury, ouricurí, urucury, ouricuri [< Tupi uriku’ri] Espécie de palmeira, urucurizeiro”. Segundo esse colaborador, o fruto do ouricuzeiro produz uma polpa que era, e ainda é por alguns, chamada de <i>conha</i> , mas que hoje também é conhecida por ‘coquinho’. (1998, p. 309, apud Santos e Aragão, 2017, p. 163)	
Informações adicionais: A fonte passou por momentos de instabilidades recentes, devido ao seu mau uso. A comunidade considera que esse patrimônio é parte da memória da etnia como um todo.	

O Cruzeiro



Fonte: Elaborado pelo autor.

(06) Topônimo: O Cruzeiro	Taxionomia: <i>Hierotopônimo</i>
Município: Pariconha.	
Acidente: Natural/pequena formação rochosa que apresenta uma cruz fincada na sua parte superior	
Origem: Portuguesa/Latim.	
Estrutura morfológica: NCm [art. + Ssing].	
Informações enciclopédicas: ---	
<p>Informações adicionais: O cruzeiro também recebe o nome de pedrãozinho ou cruzeiro do <i>poró</i>, devido a sua proximidade geográfica com um antigo <i>poró</i> da comunidade.</p> <p>Observação: Poró é uma construção física onde acontecem parte dos rituais da etnia.</p>	

O Pedrão



Fonte: Elaborado pelo autor.

(07) Topônimo: O Cruzeiro	Taxionomia: <i>Geomorfotopônimo</i>
Município: Pariconha.	
Acidente: Natural/grande formação rochosa que apresenta uma cruz fincada em seu topo.	
Origem: Portuguesa.	
Estrutura morfológica: NCm [art. + Ssing].	
Informações enciclopédicas: ---	
Informações adicionais: O Pedrão está ligado à memória religiosa e cultural dos Jiripancó. Segundo os relatos, a utilização do espaço para rituais e manifestações religiosas remonta ao início do século XX. O lugar representa a maneira como a etnia utilizou o cristianismo como forma de manutenção de seus próprios rituais.	

Terreiro da Laranjeira



Fonte: Elaborado pelo autor.

(08) Topônimo: Terreiro da Laranjeira	Taxionomia: <i>Fitotopônimo</i>
Município: Pariconha.	
Acidente: Humano/espço destinando à realização de rituais sagrados da etnia Jiripancó.	
Origem: Portuguesa	
Estrutura morfológica: NCm [Ssing + {prep. + Ssing}]	
<p>Informações enciclopédicas: Segundo Peixoto (2018, p. 85), ‘Terreiro da Laranjeira – é o terreiro principal, situado a uns 500 mestros do centro da comunidade Ouricuri, próximo à casa do Cacique Gênésio Mirada e cuidado pelo Pajé Elias Bernardo.’</p>	
<p>Informações adicionais: O Terreiro da Laranjeira abriga visitantes de todas as localidades e recebe rituais durante todo o ano, especialmente a Festa do Cansação, exemplo de fé e conexão com a natureza sagrada.</p>	

Terreiro do Meio



Fonte: Elaborado pelo autor.

(09) Topônimo: Terreiro do Meio	Taxionomia: <i>Cardinotopônimo</i>
Município: Pariconha.	
Acidente: Humano/espço destinando à realização de rituais sagrados da etnia Jiripancó.	
Origem: Portuguesa	
Estrutura morfológica: NCm [Ssing + {prep. + Ssing}]	
Informações enciclopédicas: Segundo Peixoto (2018, p. 85), fica no centro do Ouricuri. É cuidado pelo Sr. Luís, membro de uma família tradicional da fundação da aldeia.	
Informações adicionais: O Terreiro do Meio é considerado como um dos mais antigos da comunidade. Também é chamado de Terreiro de Baixo, devido sua localização geográfica dentro da aldeia.	

Terreiro do Pedrão



Fonte: Elaborado pelo autor.

(10) Topônimo: Terreiro do Pedrão	Taxionomia: <i>Geomorfotopônimo</i>
Município: Pariconha.	
Acidente: Humano/espço destinando à realização de rituais sagrados da etnia Jiripancó.	
Origem: Portuguesa	
Estrutura morfológica: NCm [Ssing + {prep. + Ssing}]	
Informações enciclopédicas: Situa-se abaixo do Terreiro da Laranjeira, tendo ao seu Norte uma gigantesca pedra. Este espaço sagrado de tradição abriga a Festa do Cansação. Peixoto (2018, p. 86)	
Informações adicionais: O Terreiro do Pedrão é um dos mais visitados, devido sua proximidade com a formação rochosa que forma seu nome e aos rituais da Festa do Cansação e a Puxada do Cipó.	

Terreiro do Umbuzeiro



Fonte: Elaborado pelo autor.

(11) Topônimo: Terreiro do Umbuzeiro	Taxionomia: <i>Fitotopônimo</i>
Município: Pariconha.	
Acidente: Humano/espço destinando à realização de rituais sagrados da etnia Jiripancó.	
Origem: Indígena.	
Estrutura morfológica: NCm [Ssing + {prep. + Ssing}]	
Informações enciclopédicas: Segundo Peixoto (2018, p. 86), “[...] também aberto para o ritual da Queimada do Cansação, fica na área urbana do Ouricuri e é cuidado por um casal de indígenas.”	
Informações adicionais: O Terreiro do Umbuzeiro é o menor dos terreiros do Ouricuri, estando cercado por árvores, incluindo o umbuzeiro que dá nome ao espaço. É utilizado durante as festas anuais, incluindo a Festa do Cansação, e Puxada do Cipó.	